



MORTE DE SANSÃO.

São mui conhecidas as aventuras e prodigiosos feitos de Sansão, d'esse portentoso israelita, filho de Manué e de Elyma, da tribo de Dan, e implacavel inimigo dos filisteos; por isso os não repetiremos aos nossos leitores, referindo-nos unica e exclusivamente ao objecto da nossa gravura, que representa (posto que imperfeitamente) o episodio final da famosa lenda judaica; isto é, quando, evocadas as antigas forças, que perdêra pela traição de Dalila, Sansão, n'um supremo esforço, faz aluir o templo de Dagon, aonde o tinham conduzido, sepultando comsigo quantos haviam cruelmente escarnecido da sua desgraça.

Copiámos em seguida o que a semelhante respeito se lê na *Biblia* (JUIZES, Cap. XIII — XVI). Tivemos á mão as versões de João Ferreira d'Almeida, e do padre Antonio Pereira de Figueiredo; mas seguimos a lição desta ultima, não porque seja a mais

fiel, mas porque é auctorizada pela igreja catholica.

Segue o texto:

« Mas os filisteos tendo-o tomado ás mãos, lhe tiraram logo os olhos, e o levaram logo a Gaza, atado com cadeias; e encerrando-o no carcere, o fizeram dar voltas a uma mó.

« E já os seus cabellos lhe tinham começado a renascer, quando os principes dos filisteos se ajuntaram para immolarem solomnes hostias ao seu deus Dagon, e para fazerem seus banquetes de regosijo, dizendo: O nosso deus nos entregou nas mãos a Sansão nosso inimigo.

« O que tendo visto o povo, tambem elle publicava louvores do seu deus, e repetia o mesmo: O nosso deus nos entregou nas mãos o nosso adversario, que arruinou a nossa terra, e matou a muitos.

.. E alegrando-se nos seus banquetes, depois de te

rem comido, mandaram que se chamasse Sansão, para lhes servir de brinco e de galhofa. E tendo-o tirado do carcere, elle os divertia, e elles o fizeram estar em pé entre duas columnas.

«Então disse Sansão para o moço que o guiava: Deixa-me chegar ás columnas, que sustêm toda a casa, para me arrimar a ellas, e descansar um pouco.

«Ora a casa estava toda cheia de homens e mulheres, e estavam ali todos os principes dos filisteos, e algumas tres mil pessoas de um e outro sexo, que do tecto e do pavimento estavam vendo brincar a Sansão.

«Elle, porém, invocando o Senhor, disse: Senhor Deus, lembra-te de mim: Meu Deus, torna-me a dar a minha primeira força, para que eu me vingue de meus inimigos, e os faça pagar de uma só vez a perda dos meus dous olhos.

«E abraçando-se com os duas columnas, em que a casa se sustinha, e pegando n'uma pela direita, e n'outra pela esquerda, disse: Morra Sansão com os filisteos.

«E sacudindo com grande força as columnas caíu a casa sobre todos os principes, e sobre todo o povo que estava n'ella; e foram muitos mais os que matou morrendo, do que os que matára antes quando vivo.

«E vindo seus irmãos, e toda a parentela; levaram o seu corpo, e o enterraram entre Saraa e Estharol, no sepulchro de seu pae Manué, depois de ter sido juiz d'Israel vinte annos.»

MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE. (1)

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

I.

NO ANNO de 1805, pelas dez horas e um quarto da manhã de 21 de dezembro, no fim de lenta enfermidade, apagou-se a luz extrema nos olhos de um poeta, ainda hoje vivo na memoria do povo; porque, semelhante a Camões, celebrando a patria, o amor, a gloria, e o infortunio, era verdadeira a saudade que sentia, era sincero o coração com que chorava. Como o cysne Bocage entregou a Deus o espirito no meio de melodias. A sua agonia foi ainda um cantico!

O ultimo dia, que respirou, nasceu sepultado em nuvens. Parecia que tinha medo a claridade de romper. O céu farrado e escuro; o sol encuberto; e o sul, gemendo sobre a cidade, tornavam triste o aspecto de Lisboa, tão alegre, quando as eminencias se douram, e os horisontes se anilam. A melancolia do tempo estava em harmonia com a melancolia dos homens. Curvada diante das cinzas do seu vate predilecto a bella capital não fingia o luto, carregava-o!

Nos dias anteriores, sendo já sem esperanza o mal, a pequena casa da travessa de André Valente, aonde padecia Elmano, a cada instante era procurada por grande numero de pessoas de todas as jerarchias.

As conhecidas, encontrando-se, detinham-se; e algumas palavras, ás vezes um gesto só, diziam tudo, communicando-se a tristeza rapidamente. Uns erguiam os olhos para a humilde habitação, e baixavam-nos á pressa turvos de magua. Outros, hesitando á entrada, estacavam no primeiro passo, sentindo menos forte o animo, que a vontade.

Em cima, patentes as portas da morada, tão pobre na apparencia como no interior, achavam-se pelos quartos desornados muitos individuos em piedoso recolhimento, escutando para dentro, e respondendo com vozes suffocadas ás interrogações igualmente submissas dos que entravam. No rosto de todos via-se a mais desconsolada tristeza.

Quem conhecesse de perto a sociedade da epocha, e os homens notaveis por condição e por letras, mal podia suppor, que no aposento interior gemesse um poeta, e não um principe. Proxima a volver ao pó era novo ainda que a realza da intelligencia tivesse a sua côrte e os seus cortezãos, aulicos não do poder, mas da harmonia.

As classes e as profissões mais distantes, perante os preconceitos, ajuntavam-se sem estranhesa, e quasi em perfeita igualdade, n'aquelle despido alvergue de um terceiro andar, obedecendo ao sentimento commum. Os cantores, seus emulos, ou seus adversarios antes, pondo a inimizade aos pés da dôr, sagravam-lhe a corôa do martyrio, entremeiados com o cypreste os louros, presagio da posteridade, alento da inspiração de Elmano.

Por um momento a guerra dos deuses fez silencio em torno ao seu leito; e os atletas do Parnaso acharam no peito lagrimas em vez de fel. O ciume das letras e das musas tinha expirado muito antes do poeta adormecer na eternidade. Curvo Semedo (na Arcadia Belmiro Transtagano) dirigindo-lhe o soneto conhecido, que principia:

Ao som da lyra o Thracio e egregio Vate!

Recebia outro pelas mesmas rimas; e a paz entre o auctor dos apologos e dithyrambos, e o auctor do Tritão e da Medeia, firmava-se confessando ambos como nobres engenhos, que fôra erro apoucar-se a inglorias luctas, quem podia ascender a tanto!

Os negociantes de mais posses, os empregados de maiores letras soccorreram disvelados a penuria do poeta, apenas os buscaram, como amigos, e não como protectores soberbos. Sem isto não teria pão, mesmo no dia em que caíu de cama! De toda a parte, e em todas as classes, manifestou-se extensa e profunda sympathia. No povo foi mais do que sympathia; foi estima, foi extremo.

O interesse dos inglezes por Walter Scott, o seu romancista querido; a anciedade de Paris por Mirabeau, o seu orador sem rival, dava-se em Lisboa por Bocage. Choravam todos com propria a sua perda. Amigos e conhecidos acudiam para saber noticias; contemplavam por um pouco a fronte já meia inclinada pela morte; e voltavam, correndo, aonde esperava o concurso dos admiradores, tornando-os pesarosos ou satisfeitos qualquer symptoma de maior crise, ou de allivio curto.

Sabiam que o moribundo soltava entre suspiros os ultimos cantos, talvez os mais bellos pelo sentimentos e pela elevação; sabiam que o golpe era fatal e não deixava esperanza; e entretanto em uns a amizade, nos outros a admiração, cegavam-se com fugitivas apparencias de melhora, figurando distante ainda o dia, em que a grande voz devia emudecer, legando o nome á saudade, e a lyra ao tumulo! Enganavam-se com o excessivo affecto!

(1) O retracto de Bocage encontra-se a pag. 100 do 9.º volume deste semanario.

Mas não se illudia aquelle, a quem de minuto a minuto, não só os intimos, mas os desconhecidos, e os adversarios vinham trazer as consolações da poesia e as homenagens da estimação. Esse existia apenas! Manoel Maria de Barbosa du Bocage, o melodioso cantor de Ignez, e de Leandro e Hero; o imitador (mais do que sublime traductor) de Ovidio, de Castel e de Delille, prostrado e gemente, via sobre si a sombra immensa da morte, como diz o Psalmista; e pelo coração, em que o debil suspiro anciava, passára já o frio horror do termo final da vida!

Estava ainda pura, e conservou-se até aos derradeiros momentos, a claridade do entendimento. Os repentinos do engenho, os relampagos do estro, fuzilando nas trevas da amargura, brilhavam como d'antes, apenas o espirito subjugava a dôr; as faculdades lucidas nunca se offuscaram de nenhum véu. Conscio do seu estado, lendo a sorte proxima nos olhos de todos, e no expectaculo da propria angustia, assistia ao aniquilamento gradual, medindo com a idéa a distancia, que ha da existencia á morte.

O ser e o não ser, terrivel problema, em que a razão descóra, e o animo mais viril se altera, agitava-se diante d'elle, e para elle! Purificada das impurezas de paixões, e desvarios impetuosos, a bella alma, acrisolada no soffrimento, sorria-se para Deus, e pedia á esperanza as azas afim de subir á nova patria. Vendo o mal irremediavel de hora para hora a rasgar-lhe as portas do sepulchro, a mente despedia-se do mundo; e em espirito, habitava surgindo do sonho da existencia:

Em climas d'ouro, em regiões amenas!

Sobranceiro ao abysmo, em que menos forte outro se afundaria; apagadas as maculas humanas pelo orvalho consolador da remissão christã; conversava com a eternidade, antes de entrar n'ella; e invocava-a como termo desejado, como summo bem, depois dos trances em que esmorecia a carne. Com os olhos no céu começava a descobrir os horisontes infinitos, que se abrem além da mortal carreira. O que deixava, amor, disvelos, e ambição de nome, ainda lhe custava um suspiro ás vezes; porém certo de viver além do tumulto, consolava-se saudando com a lyra expirante a immortalidade e os cantores, nuncios da grande voz da memoria contemporanea, primeiro echo da posteridade!

Entretanto, encontrando-se na idade, em que o genio se conhece, e maduro pela experiencia sente a robustez, que produz o fructo depois da flôr; ensaiados os vôos, e achando em si a força de subir com as aguias á altura do monumento; via desfallecer a resignação em alguns instantes, e tinha saudades não da existencia, mas da gloria. As ovações que o cercavam, diziam os tropheos que o futuro lhe prometia. Os canticos, meio lacrimosos que entre dôres nascidos deixava fugir a alma, mostravam-lhe quão dôces a harpa christã e o plectro antigo obedeciam á sua voz!

Em mais de uma occasião, o luto alheio aggravou-lhe as penas, e enegreceu-lhe as visões da imaginação, acordando o sentimento mundano. Dentro de quatro mezes, no predio, em que morava, a morte arrancou-lhe dos braços uma sobrinha de cinco annos, tendo levado antes um homem de sessenta, e uma donzella de dezoito. E então, que revoltando-se no seio, o coração e a musa, assustados e fremen-tes, ergueram o canto, aonde palpitam as contradicções moraes da lucta, e os pavores do ultimo fim:

Olha em muros, que veste a escuridade
Olha a côr do teu fado, a côr mais triste!
Talvez (e agora, agora!) Elle te aliste
No volume, em que lê a Eternidade!

Ó tochas funeraes! Clarão medonho!
Da morte, ó mudas, solitarias scenas!
Em vós arrepiado os olhos ponho!...

Um momento depois tornava a si aplacada a sensação cruel; e trocando o terror pela esperanza catholica, fechava o soneto com estes versos, dignos do espirito gentil, que sabia elevar-se a elles:

Ah! Porque tremes, louco? Ah! Porque pênas?
Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho
Em climas d'ouro, em regiões amenas.

Cómtudo, correndo sobre os outros, quem estranhará que os prantos chorassem tambem o destino proprio? O calix é tão amargo! A ultima hora é tão custosa de transpôr! De todos estes conflictos, saíu porém a fé com mais um triumpho, e a contricção com mais uma palma.

Eram combates, em que o mundano gastava as ultimas nodoas das paixões que o tinham avassallado. Em melodias de anjos, vate christão, novo Job pela abnegação, ouviam-no entoar os louvores da gloria immarcescível, enxutas as lagrimas do seu sangue pela certeza da beatitude. Eil-os, esses gemidos que respiram crença e amor, sobre a perda da sobrinha, botão que não chegou a ser flôr:

Trocando amargas horas,
Por dôce eternidade,
Gemeu com a natureza
Folga com a Divindade

O que é nos céus contemplo,
Contemplo o que era aqui;
Gemi... porque gemia!
Rio... porque ella ri!

Com harmonias assim é que o cysne se despedia!
Que lucta! Que longa e dolorosa expiação! Que
immensa força d'alma para a supportar sem desespero!

Foram mezes inteiros de purgatorio, esperando em cada dia não vêr raiar a aurora do seguinte! D'esse tempo é um retracto, em que figura, conforme a enfermidade o tinha prostrado.

Como aquellas faces lividas e macilentas, encovando-se, pintam a angustia; como aquella boca sumindo nos labios contrahidos o corte da aguda dôr, exprime o esforço da alma sobre o corpo; como os cabellos desalinhados, longos e pendentos sobre a pallida e rasgada fronte, aberta ao genio, semelham um véu funebre em jaspe sepulchral!

Nos olhos azues, grandes, e cheios de luz ainda, reina e domina a intelligencia audaz. Ali ao menos vive sempre o ardente Elmano. Mesmo frouxos e quebrados apparece Bocage n'elles! Sente-se, que o fogo da inspiração, se acudir á mente; e que o espirito rompendo os laços da agonia, se receber o estro; hão de reanimar o corpo, e este surgir com a chama divina: percebe-se que as feições abatidas volverão á radiosa expressão; e que o entusiasmo exaltará o rosto. Adivinham-se os relampagos que póde lançar a vista, aformoseando o semblante, em que a morte pôz o sêllo, e fingindo momentaneamente a existencia florescente, que o infeliz deixava longe.

Morta como está na tella, a sombra de Elmano

(a quem a consultar com interesse) ainda revela algum dos impetos e dos toques do repentista. Vê-se bem, que basta descer a fâsca, para o bello moral se difundir por aquella physionomia, mobil como as paixões, morena como o sol peninsular, grande e energica, porque era a fórmula visivel de uma alma, feita como a de Chenier para acerar o jambo da satyra, para temperar o carne gemente da elegia, e para entoar o canto das guerras dos semi-deuses da conquista, na Asia e na Africa portuguezas!

E' assim, que elle, encostada a face á mão, devia dictar as paginas admiraveis de saudade e de resignação christã, que foram a sua ultima voz, e serão eternas e raras joias na sua corôa poetica. Compostos com os olhos na eternidade, e os pés dentro do sepulchro, esses sonetos ficaram unicos e sem rival.

A musa não confiou de outro a lyra de Elmano. Principe na arte classica, precursor, para nós, da revolução litteraria, que antevê em arrojados sublimes, e em rasgos de doçura e de crença, Bocage levou consigo o segredo da harmonia e da grandeza epica. Ougamol-o ainda, encostado á urna funebre, em quanto com a saudade de moribundo visita o Tejo e as flôres, que tanto amou:

Não mais, ó Tejo meu, formoso e brando,
A margem fertil de gentis verdores,
Terás d'alta Ulysea um dos cantores,
Suspiros no aureo metro modulando.

Rindo não mais verás, não mais brincando
Por entre as Nymphas e por entre as flôres
O côro divinal dos nús amores,
Dos zephiros azues o affavel bando.

C'o a fronte já sem myrtilho, e já sem louro,
O arrebatada de rojo a mão da sorte
Ao clima salutar, á margem d'ouro.

Eil-o em fragas de horror, sem luz, sem norte;
Sôa d'aqui, d'ali piado agouro:
Sois vós, desterro eterno, ermos da morte!

Quando falleceu, Bocage contava trinta e nove annos e tres mezes de idade. Já entrar no periodo mais fecundo para os escriptores. Acalmada a excessiva ardencia da imaginação; amadurecido o engenho pelo estudo reflectido dos bons modêlos; conhecidas e provadas as forças n'esses ensaios, que são as secretas luctas da intelligencia com as difficuldades, medindo-as e experimentando-se; tinha chegado o tempo de se recolher consigo, e de concentrar n'um pensamento alto as potencias da alma e do sentimento; chegava a hora de elle erguer ao som da lyra, como Amphion, as cidades e os imperios ideaes, que a epopeia funde em bronze, e duram pela gloria, além dos reinos e dos povos, adormecidos na urna dos seculos, depois de extincta a civilisação, que os fez grandes.

Aonde estão hoje os gregos de Homero, e os romanos de Virgilio? O sópro dos barbaros dispersou nos ares as cinzas dos heroes. O braço da conquista arrasou os monumentos do seu orgulho. A sua lingua universal e sabia perdeu-se nos dialectos barbaros dos vencedores. Mas a arte triumphou apesar dos homens e do tempo. O livro escripto viveu mais do que o livro de pedra. Depois de milhares de annos os canticos da poesia e a voz da historia subjugam o silencio e a destruição, restituindo-nos pela saudade e pela memoria as epochas, que já morreram!

Esta omnipotencia, dom de Deus aos que sagrou quasi sempre pelas tribulações e pelo martyrio, era

o sonho e a ambição de Elmano. Á parte os desvarios momentaneos, com que nos seus raptos e entre os applausos do amphitheatro, se aclamava igual na altura aos immortaes, vê-se que elle cubicava uma fama, mais solida do que os louros ephemeros do repentista.

Na mente, gradualmente serena e reflexiva com os annos, nasciam e avultavam projectos, concebidos para serem verdadeiros padrões de gloria para elle, e para a nação, se a morte, a volubilidade do talento, e a vida inquieta e desgraçada, não viessem interromper a obra apenas desenhada. O que se diz dos primeiros rudimentos de um poema, intentado sobre o descubrimento da America, se a invenção e o gosto se unissem á viveza imaginativa e á côr esplendida do estylo, não parece exagerado.

Lendo algumas paginas suas, sente-se que Bocage, nascido vinte annos mais tarde, daria um Byron á península; mas um Byron, christão, igualmente arrojado, igualmente ativo na pintura das paixões e da agonia moral, mas temperado pelos toques d'essa exquisita e suave tristeza contemplativa, que se gera da sensibilidade da alma, e tão dolorosa chaga abre quasi sempre no coração dos poetas. São as lagrimas occultas, que lhes espreme dos olhos o contacto do mundo, as que a chamma do engenho endurece em perolas, cingindo-as no diadema, de que a posteridade os corôa!

Talvez achem excessiva a apreciação. Antes de a condemnarem, abram os seus livros nos poemas aonde a lima passou mais lenta, e a meditação se demorou um pouco. Vejam como os affectos delicados, e a linguagem d'elles, lhe eram familiares. Notem, como o metro se dobrava flexivel á idéa, prestando matiz e relevo aos pensamentos. Combinem esses quadros, (infelizmente curtos e fugitivos) com os quadros do cantor de *Child Harold* e do *Corsario*; e digam se o coração e a vida não foram entendidos e interpretados; se rotos os vinculos da imitação classica, e alargados os horisontes da arte, Elmano deixaria de subir com a alma ás eminencias, aonde campeia orgulhosa a escola moderna!

Para cantar dignamente o infortunio e o amor, para descrever a natureza na sua galla, e o espectáculo grandioso dos elementos na sua braveza, o desgraçado tinha dentro de si mesmo as dôres, os prantos, e as tintas. Sirvam de exemplo os sonetos á tempestade na viagem de Gôa; e as endeixas suaves ou fervidas á ternura e aos zêlos, que o abrasaram! O poeta mais classico nas tendencias, e mais severo na melodia e na sciencia do metro, o sr. Castilho, não provou já nas imprecações do Bardo, com que impeto o ciúme e a saudade choram no verso, quando labios quentes de paixão o soltam, e combinações insulsas de versificadores o não esfriam?

Entretanto a morte antecipou-se; e a idade dos fructos sasonados não floresceu para Bocage. O vate que tantas admirações saudavam, e tantos emulos invejaram, foi sepultado no cemiterio da igreja das Mercês, recitando-lhe Fr. José Botelho Torresão um soneto, no momento de descer á cova. Os seus restos, como os de Camões, descangaram sem uma inscripção que os lembrasse ao menos! Confundidos e despresados perderam-se para sempre. O que importa? Á sua gloria, nada de certo. O monumento ficou, é a memoria da posteridade. A honra e a cultura do paiz, essas sim, gemem e envergonham-se; alguns palmos de marmore liso e um letreiro, era sacrificio bem pequeno para as resgatar.

Um homem, que apenas a liberdade constitucional despontou em Portugal, e antes mesmo, a serviu e amou sem alarde, mas com devoção, tirou da

mediocridade das suas posses e da boa vontade de outros amigos a despeza, com que se fez o enterro de Elmano, e julgou cumprir um dever de cidadão e de amigo, prestando as honras funebres ao poeta, que tinha occupado tão distincto logar nas letras da sua epocha, e ao qual a historia das boas artes portuguezas reserva mais de uma pagina de elogio.

O sr. José Pedro da Silva, ainda vivo, e actualmente empregado na secretaria da marinha e na camara dos pares, foi a providencia de Bocage durante a enfermidade, não desamparando os seus restos senão quando o ultimo punhado de terra os escondeu para sempre. Talvez por isso o padre José Agostinho de Macedo lhe não perdoasse. A sua fidelidade á memoria dos mortos, e a sua adhesão aos principios liberaes deviam procurar-lhe as desaffeições do critico. A loja de bebidas do Rocio, denominada botiquim das Parras por uns, e Agulheiro dos sabios por outros, aonde se reunia muitas vezes Elmano e o *claro auditorio* que o rodeava; aonde depois continuaram a juntar-se poetas e escriptores conhecidos, era propriedade do sr. José Pedro da Silva, e d'ali partiu mais de uma setta cortante, que ficou para sempre cravada no coração de Elmiro, nome pastoril de José Agostinho. Denunciado por esta convivencia á bilis satyrica, o honrado e sincero velho entrou na escolhida e numerosa companhia das victimas illustres do auctor dos *Burros*. Não lhe fez mal! Sombras taes, a escurecerem alguém, é ao mordaz Macedo. Bocage, devendo aos conselhos e assiduidade do sr. José Pedro a impressão das suas ultimas poesias, e os soccorros avultados que lhe produziram, vingou-o antecipadamente no soneto que principia :

Josino amavel que, zeloso, engrossas
Bens, que mesquinho Apollo aos seus permite ;

Este cordeal testemunho de gratidão ao amigo, que noute e dia velou á sua cabeceira, e diligente bateu ás portas dos admiradores e afeiçoados do poeta, honra o louvado, e o louvador. Por isso disse Elmano que :

Pagava em metro o que devia em ouro !

Hoje, que os costumes são diversos, e que a idade-ferrea dos interesses phisicos tolhe os vãos ao instincto poetico, seria difficil comprehender a influencia e o ascendente d'esses vates, que ainda no começo do nosso seculo eram o enlevo e a admiração das sociedades. O talento de repentista em verso presava-se como agora o de repentista em musica. Mais ou menos todos sacrificavam a Apollo e ás musas, desde o grave magistrado, que se escondia para alinhar as rimas de um soneto, até ao fidalgo sem estro, que pedia emprestada a penna de algum trovista familiar, para enfeitar á custa d'elle as epistolas amatorias e os requebros namorados.

Em uma das peças do theatro de Garção, a Assembléa ou Partida, está descripta, mas só de leve castigada, a mania metrificadora. Não devendo esquecer que a inimitavel cantata de Dido jaz sepultada entre as algazarras metricas dos Fustotes. Da Arcadia do marquez de Pombal á Arcadia de D. Maria I, a distancia não foi grande, e as feições principaes conservaram-se. O gosto pelas glozas, pelos sonetos repentinos, e pelos clarões fugazes, mas brilhantes, dos vates excitados no certame poetico, achava-se por tanto em toda a força, quando Bocage principiou a entrar no mundo.

L. A. REBELLO DA SILVA.



AGUADEIRAS DE VENEZA.

AO INVERSO de todas as cidades europeas em Veneza as mulheres exercem a profissão, que em Lisboa, por exemplo, está como vinculada no pacifico e, em geral, bondoso gallego.

Parece que os venezianos não estão descontentes com o seu serviço, porque não nos consta de reclamações attendiveis a semelhante respeito. E de mais a mais não ficam desgraciosas as taes *aguadeiras* com o seu pittoresco trajar. A estampa dá uma idéa exacta d'elle; entretanto accrescentaremos ainda algumas poucas palavras.

Os chapéus de que usam são ordinariamente de feltro, escuros, ou pretos, e enfeitados de fitas e plumas ao modo de Tyrol; as mangas da camisa são de linho fino. O avental, ou seja liso ou lavrado, é sempre de cores vivas, como o vermelho, o azul, ou o amarello. A saia é ordinariamente curta, e de cor escura. Não usam sapatos, nem outra especie de calçado. Este traje não é veneziano rigorosamente, mas tyrolense; todavia as gentis *aguadeiras* são oriundas dos campos visinhos á *rainha do Adriatico*, e não do Tyrol como se poderia suppôr. Em geral são moças, e regressam ao logar do seu nascimento logo que tem conseguido, com o fructo do seu trabalho, arranjar um pequeno peculiosinho. Têm quasi todas feições mui regulares, e são notaveis pela compostura dos costumes.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTÓRICO.

CAPITULO XI.

Nó o coração não morre!

DEPOIS de acabada a lenda, quando os dous cavalleiros e o monge entraram na sala d'armas, o sol escondia-se no poente.

Tinha sido calmosa a manhã, e o céu embaciado de vapores ao cair da tarde, esmorecia em azul pallido, e em branco-azulado mais ao longe. Detraz das serras iam levantando a cabeça torreada grossas e pardas nuvens, diante das quaes outras mais leves, fugindo, esvoaçavam. Vermelho de fogo o sol despedia-se mergulhado na cinzenta barra do poente, tingindo de reflexos de ouro e rosa as arestas dos muros e o vertice dos montes.

Como cinto, que alarga, vinha despontando no horisonte o negrume cerrado, que a intervallos atravessavam os veios chammejantes dos relampagos, fuzilando. Depois surdos e prolongados rebombos repetiam-se, de echo em echo, pelo espaço.

Era profundo o silencio. As aves fugiam aos bandos; a terra, arida com o calor da tormenta, estava muda; calava-se o susurro das arvores, e o murmuro das aguas; vozes do hymno consolador, que a aurora na fresquidão, e o crepusculo na sua melancolia, entoam a Deus, saudando a luz e a noute, symbolos da fadiga e do repouso.

De quando em quando sentia-se passar lenta e gemida a rajada do sul nas gargantas dos serros; e as searas tremulas acamavam ao açoute da sua cholera. Esta lufada breve e secca vinha como nuncia do temporal. Dentro em pouco, na sua pompa tremenda, iam vel-o chegar corôado de raios, e vestido de chammas. No esteiro do Mondego, perto do castello, as ondas estorciam-se no leito, e gemendo tornavam a adormecer, como enfermo em somno agitado.

Entregue a pensamentos de vingança é que Martim Paes viera ali. Respondendo á mensagem do mourisco, D. Maria promettêra trazer a Santa Olaia o illudido cavalleiro de Salzedas. Um recado do senhor de Lanhoso aos parentes da sua casa, reunidos em Coimbra para a festa da corôação, avisava-os que acudissem, aonde eram chamados, para se resolver um caso de vida ou morte. Tentando debalde conciliar a consciencia com o crime, o irmão de Maria Paes desejava imputar a outrem a principal responsabilidade no acto de perfidia, que determinava praticar. Os costumes do seculo concediam-lhe quasi ser juiz no seu pleito; e aproveitando-se d'elles suppunha-se absolvido da infamia, uma vez que dêsse ao assassinio a sancção de muitos.

A voz que na capella acceitou o seu desafio, atterrando-o, não lhe mudara a tenção. Similhante a todos os criminosos imaginava que os olhos de Deus não seguiam nos tenebrosos desvios do seu crime.

Taes eram, á hora em que estamos, as suas reflexões, encostado ao mainel da fresta, olhando para os campos aonde, como fita tortuosa, serpeava a estrada que devia pisar Gomes Lourenço.

Do outro lado, D. Nuno curvo o corpo, e scismando, comparava a aspereza dos antigos tempos, em que as armas eram d'aço, á debilidade do actual, em que os homens por fracos, dizia elle, não abriam ja uma cova á porta de cada solar, e não respondiam com punhaladas á mais pequena contradicção.

Para este adulador do passado a cultura dos cos-

tumes significava preversão. Não percebia o caminhar da sociedade; e tapava os ouvidos para não escutar as palavras de esperança, que as gerações presentes repetem ás gerações futuras. Com as costas viradas ao porvir, e os olhos no crepusculo da noute, não tinha força de fitar o romper da aurora. Para elle o berço, d'onde sae triumphante o seculo novo, era o tumulo em que dormia o seculo findo!

Homens assim, andam cegos com os olhos abertos. E queixam-se e calumniam e perseguem! Sectarios-sonambulos matam e morrem em nome de politicas proscriptas, de idéas caducas, e de crenças moribundas, julgando resuscitar pela intolerancia o predomínio que passou.

D. Nuno, sem o valor heroico, verdadeira corôa da cavallaria da epocha, fôra accusado de fraqueza nas occasiões, em que ella se torna indesculpavel. Vingativo e cruel, não esquecia, nem perdoava os motejos. No fundo do coração estavam assentes como divida todas as injurias. Os cavalleiros moços, menos prudentes que os velhos, tinham-no feito alvo do seu escarneo, diante do rei, nos saráus, perante a côrte, e até na presença das damas! Para vingar estas offensas recebidas, D. Nuno dizia que uma existencia de seculos não chegava! Por isso, ferindo na cabeça o mais estimado dos fidalgos moços, escolhia-o para victima, e dava n'elle o exemplo aos motejadores. Quem era mais apto do que Gomes Lourenço para satisfazer este pensamento atroz?

De pé, ao umbral do balcão, desenhava-se a figura de Fr. Munio, destacando das outras pela mansa e resignada expressão do rosto. Ao passo que das sombras do crime se carregava a physionomia dos dous homens ferozes, respirava paz e misericordia a sua na imperturbavel serenidade!

A testa elevada; os olhos aonde, apagado o ardor das paixões, brilhava placida a luz da reflexão; e os cabellos brancos, soltos e ondados pelos hombros, assimilavam-no ao vulto de granito, em que a tradição esculpiu em bronze a magestade do sacerdocio nos prophetas. Nas feições, animadas por um reflexo de melancolia dôce, lia-se a victoria do espirito sobre a carne, e a secreta lucta (quem sabe se mais nobre, do que muitas estrondosas) do orgulho do soldado com a humildade do claustro. Aquella grosseira estamenna, que apertava o cilicio sobre o peito, conhecia a historia, terrivel talvez, das agonias, das saudades, e dos affectos que choravam na solidão. Era a mortalha das paixões, que viveram e queimaram no coração do cavalleiro, vencidas pela penitencia e pela contricção do monge.

Pastor dos homens, herdeiro da mansidão do primeiro mestre, era risonha a sua virtude, e consoladora a sua fé, como verdadeira filha da esperança. Austero só comsigo, trazia no semblante a alegria do céu, a humildade do justo, e a caridade do apostolo. Mas quando a voz, branda como a de Christo, não era escutada no tumulto do mundo, sabia levantar-a, e como Jeremias, vibrando-a pesada de exemplos, conseguira algumas vezes abrir mesmo entre os vicios as flôres do arrependimento.

A historia da sua mocidade era um segredo. Nascido em berço illustre, cavalleiro dos ultimos tempos d'Affonso Henriques, e dos primeiros annos de Sancho I, contavam-se d'elle rasgos de um valor heroico. De repente desapareceu, e ninguem teve noticias suas; dizendo uns que fôra peregrinar á Palestina; sustentando outros que fôra chorar longe da terra natal a mulher, cujo amor valia para elle mais do que a luz e a vida; a morte d'ella prematura, e envolta em mysterio, ignoravam todos se procedêra do ciúme, ou corte de occultas penas.

Decorridos doze annos, quando tornou á patria viram-no já com aquelle habito e aquellas feições, velho antes do tempo, e admiravel sobre tudo pelo reflexo de celestial serenidade, que as dourava. Das paixões do soldado e do amante nem o menor vestigio! Se em algumas occasiões a memoria, ou a saudade, gemiam na solitaria enxerga, as lagrimas ficaram na cella da penitencia, e nunca transpiraram para fóra. O nome por que se tinha chamado no seculo, escondeu-o, como se recordasse algum desdouro. Parecia lembrar-lhe aquella existencia que procurava esquecer nas austeridades monasticas, inuteis quasi sempre para curar as dôres da alma. Quando o interrogavam sobre o passado, respondia sorrindo com tristeza: «O homem novo despiu as vaidades do homem velho. O nome, quando se amortalhou, e está enterrado quem o teve, de que serve?»

Cançaram-se por fim de indagar, e costumaram-se a vêr em Fr. Munio um frade como os outros. A sua historia, os seus trabalhos, e a constancia com que os supportou, revelados sob o sigillo da confissão ao abbade de Cister, tiravam ás vezes do illustre dignatario da igreja esta sentença moral: «Ha virtudes assopradadas, que luzem muito e valem pouco. Os bons não são os que choram sempre, mas os que andam risonhos sendo tristes, e consolam precisando de ser consolados. Vejam Fr. Munio! . . .» O abbade parava sempre aqui.

(Continúa.)

BIBLIOGRAPHIA.

Memoria historica da antiguidade do mosteiro de Leça, chamada do Balio. — Porto — 1852.

FOLGAMOS cada vez que vemos publicar um livro consagrado á historia das nossas antigualhas. Tão descuidada vae a geração presente dos feitos de seus maiores, que em breves annos seremos nós os menos sabedores das cousas patrias, se algum elevado engenho não tomar a si, o salvar do esquecimento memorias gloriosas, que continuamente se vão apagando.

Muito grande serviço acaba de prestar á historia das nossas boas artes o reverendo abbade Antonio do Carmo Velho de Barbosa com a publicação deste seu trabalho, cujo titulo vae estampado no começo do presente artigo. Muito reconhecimento e gratidão lhes devem por tal obra os amigos e reverenciadores dos monumentos nacionaes.

Na verdade, talvez que nenhum monumento architectonico portuguez tenha sido tão olvidado dos nossos antiquarios, como este de Leça do Balio, cuja descripção fórma o assumpto da memoria; sendo, como mui bem diz o seu auctor, «um monumento tão celebre por muitos titulos, que admira ter ficado tão desconhecido de nacionaes, como se fóra um ignobil montão de ruinas, destituidas de gloriosas recordações.»

Mas não se inflamme o illustre abbade no seu santo amor e justa indignação pelo esquecimento em que jaz o seu venerando mosteiro, que por toda a parte vae o mesmo abandono e esquecimento. Feliz do monumento que está bem esquecidinho e ignorado, e em logar bem escuso, que talvez assim escape ao despiedado alvião dos sicarios das camaras municipaes, ou á não menos terrivel broxa de oca e vermelhão de alguma acciada junta de parochia.

Se agora nos quizeramos occupar das barbaridades

commettidas contra os monumentos nacionaes teriamos materia para largo discurso; mas contentam-nos com o mencionar dous casos de que temos mais particular noticia.

O primeiro foi por nós mesmos observado haverá tres annos, regressando para Lisboa, depois de havermos percorrido as provincias do norte. Por occasião de visitarmos o famoso castello da villa da Feira, cuja fundação uns antiquarios attribuem aos romanos. outros aos godos e arabes, (1) não pudemos deixar de sentir a mais profunda indignação, ao ouvir contar por pessoa fidedigna um acto de vandalismo, praticado por um vereador da camara municipal d'esse concelho contra este famoso edificio, que os seculos têm respeitado, e deixado quasi intacto.

Foi o caso, que precisando elle umas pedras para lagear a sua cira, entendeu que as ameias e eirados do castello velho podiam satisfazer a esta sua necessidade.

Foi-se lá, seguido de alguns homens armados de picaretas, e começou a arrancar-as. Mas o povo da villa, tendo conhecimento do que se estava praticando, dirigiu-se em massa ao castello, com a intenção de fazer pagar bem caro este attentado contra o seu velho monumento. Não encontrando o tal camarista, contentou-se de lhe lançar alguns epitetos bem merecidos. Alguem da plebe propoz um apedrejamento em fórma á casa do *honrado* funcionario municipal; mas a vingança d'esta pobre gente limitou-se a fazer sentir o peso da sua colera aos obreiros, que estavam realisando o pensamento lucido, que tivera o esperto burguez.

Com esta inesperada opposição não desistiu o moderno vandalo da sua empresa. D'ahi em diante serviu-se do manto da noute para levar a cabo sua obra; e á luz de archotes effectuou o que não pudera conseguir á luz do dia. Alguns moradores da villa, que recolham mais tarde dos seus campos, observaram luzeiros de noute no castello: mais de uma velha asseverou no dia seguinte, ao soalheiro, que eram bruxas que celebravam as suas hediondas festas nocturnas. E o *bom* do camarista ria-se da credulidade popular!

Sentimos por extremo ignorar-lhe o nome, para o expormos no pelourinho da publicidade, e aconselhar a todos de fugirem de um tão máu portuguez.

Outro acto vandalico se deu ultimamente na villa da Covilhã, e que pertence á historia da camara transacta; a qual por mero arbitrio seu ordenou a demolição dos restos de uma torre e muralha da antiga cêrca da villa; sendo certo, que esta medida não tinha em vista utilidade ou commodidade publica, mas unicamente o interesse de alguns camaristas, que aproveitaram a pedra da demolição, para edificações suas particulares.

Dêmos por terminadas estas questões incidentes, e voltemos á memoria do nosso illustre abbade.

Todos os que se têm dado ao estudo da nossa historia politica, artistica ou litteraria, sabem quanto são escaças as memorias que temos dos homens eminentes que enobreceram Portugal; e só esses pôdem bem avaliar as grandes difficuldades que encontra quem se propõe dar á luz qualquer trabalho sobre este assumpto. É conhecido de todos a mingua de livros e documentos, em que se achem consignados os factos, ainda os mais salientes da nossa historia; e mesmo n'esses poucos que nos restam está a ver-

(1) Sobre a origem d'este e de outros monumentos architectonicos, tencionamos brevemente publicar alguns apontamentos que nos occupamos em colligir.

dade tão travada com a mentira, os factos historicos tão cercados de milagres e fabulas, que só a mão de um habil artista póde extremar e apurar o ouro fino das fezes e ligas que obreiros menos habeis, ou de refinada má fé, lhe introduziram.

Que o diga o creador da nossa historia patria, o sr. A. Herculano, a quem este jornal deve as suas mais brilhantes paginas.

Por estas razões poderemos ajuizar do merecimento da presente memoria. Honra pois ao seu auctor, que não se acobardou em presença de tão laboriosas fadigas, e nos brindou com um trabalho bem pensado sobre um dos melhores monumentos que possuímos da primeira epocha architectonica de Portugal.

Oxalá que este zelador das nossas venerandas reliquias continue a prestar-nos igual serviço ao que acaba de fazer, para com outros monumentos. Bem á mão tem elle um não menos digno; é a parochia de Cedofeita no Porto.

Das laboriosas investigações do auctor da memoria se deprehendem as seguintes conclusões, que temos por incontrôversas á vista dos documentos com que as comprova: — 1.^a Que o mosteiro antigo de Leça data a sua fundação dos fins do 9.^o seculo, ou principio do 10.^o — 2.^a Que foi fundado pelos antepassados de D. Tructesindo. — 3.^a Que foi habitado por frades e freiras, e por isso dos chamados duplices. — 4.^a Que foi da ordem de S. Bento. — 5.^a Que nos principios do seculo 11.^o foi doado ao mosteiro beneditino de *Vaccariça*, e ficou sendo sua dependencia, mas com prelados particulares. — 6.^a Que pelos fins do seculo 11.^o passou á dependencia do bispo de Coimbra. — 7.^a Que pelo primeiro quartel do seculo 12.^o foi doado pela infanta D. Theresa á ordem do hospital de S. João de Jerusalem, e no seu poder se conservou até á extincção das ordens religiosas no anno de 1834.

A sua memoria nos ensina mais que o edificio primitivo fundado pelo anno de 900, foi restaurado em 1090 por D. Guntino, e que sobre esse mesmo edificio se alevantou no seculo 14.^o a fabrica, ora existente, terminada em 8 de maio de 1336, sendo prior e balio de Leça, Fr. Estevam Vasques Pimentel.

A memoria está impressa nitidamente, e é illustrada com cinco desenhos do edificio, devidos ao lapis do sr. C. A. Pinto.

GERMÃO CHAVES.

CHIMICA APPLICADA ÁS ARTES.

O consumo das vélas de stearina é já mui consideravel em Portugal, e a utilidade do seu emprego cada vez mais reconhecida. Entretanto é força confessar que o seu preço actual não está em harmonia com as necessidades da maxima parte dos consumidores, e com a barateza das materias gordurosas de que a stearina póde facilmente extrahir-se. Cremos pois que não será inutil, nem descurioso para muitos dos nossos subscriptores, mórmente das provincias, o trabalho cuja publicação encetámos no presente numero. Foi tirado de um jornal scientifico portuguez, (*O Industriador*) pela sua especialidade, e pouca vida que teve, muito pouco conhecido. É um escripto conscienciosamente colligido e extractado do que ha de melhor e mais moderno em chimica industrial, e com especialidade do que a semelhante respeito se encontra na bella obra de mr. Peluze e Fremy.

Fabricação de vélas de stearina.

A fabricação das vélas stearinas é o resultado das investigações de mr. Chevreul sobre os corpos gordurosos, e particularmente sobre os acidos stearico e margarico.

Esta industria, cuja importancia augmenta de dia para dia, teve origem em París e d'ali se propagou ás principaes cidades de França e dos paizes estrangeiros. Hoje as vélas de stearina substituem quasi absolutamente as vélas de cêra e de spermacete, cujo preço é mui superior. Esta nova applicação da chimica á industria, e á economia domestica, deve considerar-se como uma das mais uteis que se tem inventado desde o começo do presente seculo.

Até ha poucos annos era impossivel extrahir industrialmente a stearina do sebo e outras materias gordurosas neutras, quer fosse pela prensa, quer por meio de dissolventes; mas saponificando-se estas materias e decompondo-as por um acido, o sabão assim produzido, e os acidos margarico, stearico e olaico, resultantes d'esta decomposição, submettidos á acção da prensa, separam-se em duas partes das quaes uma é liquida, em quanto que a outra formada de acido stearico e margarico constitue uma massa solida e branca.

Estabeleceu mr. Chevreul que os oxidos alcalinos e alcalino-terrosos, com particularidade, determinavam a saponificação das materias gordurosas: dous habeis fabricantes, mrs. de Milly e Motard, foram os primeiros que tiveram a idéa de applicar a cal á extracção dos acidos gordurosos do sebo, e certificaram que este oxido, cujo valor além d'isto era tão insignificante, saponificava mais promptamente os corpos gordurosos do que a potassa e a soda, porque a cal se misturava intimamente com as materias gordurosas.

Posto isto descreveremos successivamente as diferentes operações que se praticam n'esta fabricação.

Consiste a primeira em tratar o sebo pela cal, operação que deve effectuar-se com a maior precaução, porque se fôr feita com negligencia, os productos serão misturados por corpos gordos não atacados; arderão mal e não apresentarão a secura e transparencia de uma perfeita véla de stearina.

Para se proceder á saponificação da materia gordurosa por meio da cal, lançar-se-ha em uma tina de madeira o sebo, tal qual se emprega para a fabricação das suas vélas: na parte inferior da cuba se achará disposta uma serpentina de ferro, de cobre ou de chumbo, crivada de buracos, destinada a expandir na tina o vapor da agua proveniente de uma caldeira geradora, com a qual a mesma serpentina estará em communicação.

Por este meio o sebo deposto na cuba derreter-se-ha, fazendo girar circularmente o vapor que sae dos buracos da serpentina de que acima fallámos.

Depois prepara-se o leite de cal vertendo em pequenas quantidades agua a ferver sobre pedaços de cal viva, cujo peso poderá variar de 10 a 14 kil. (21:786 a 30:500 arrateis portuguezes) por quintal metrico de sebo (217:860 arrateis portuguezes), que se pretender saponificar; dissolve-se depois a cal em uma nova quantidade de agua, igual á que está dentro da tina, e deita-se o leite de cal, assim formado, para dentro da tina, por pequenas porções, para se effectuar a saponificação, tendo cuidado de manter constantemente a ebulição, remechendo sempre a massa.

A acção da mistura póde ser feita com um rebole de madeira: mas algumas fabricas montadas em grande se servem do seguinte apparelho.

(Continúa.)